



Mundo em convulsão

CONFLITOS DE RAÇAS, DE GRUPOS E DE RELIGIÕES, ÂNSIA DE CONQUISTA DO PODER, A VIOLENCIA MULTIFORME, AS DESIGUALDADES INJUSTIFICÁVEIS SÃO FATORES, ENTRE OUTROS, QUE ESTÃO PERTURBANDO A PAZ NA VARIEDADE DO UNIVERSO

Notícias de todas as partes indicam o mundo em convulsão. Rara é a referência a um país, a uma região, a um sítio habitado em tranquilidade, em evolução sem sobressalto. Vulcões adormecidos, em continentes diversos, voltam a expelir lavas e fogo, ameaçando populações de cidades ou povoações próximas. Tempestades e ventos violentos destroem casas, redes elétricas, instalações de serviços públicos e particulares diferentes. Até aí são fatos da natureza, sobre os quais o homem não tem poder, antes experimenta os efeitos de sua força irresistível.

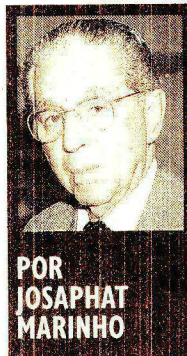
Há, porém, as convulsões provocadas pelos desajustamentos humanos, em maior quantidade e extensão do que os fenômenos naturais. Conflitos de raças, de grupos e de religiões, ânsia de conquista do poder, a violência multiforme, as desigualdades injustificáveis são fatores, entre outros, que estão perturbando a paz, na variedade do universo. A luta de ódio e de sangue que extingue judeus e palestinos pode ser a fonte de guerra mais ampla, se a Organização das Nações Unidas não revelar visão e força superiores. As execuções sucessivas de dissidentes na China desafiam a civilização e a existência da democracia. O morticínio de albaneses e macedônios é assustador. Na Indonésia o Parlamento votou a destituição do presidente Wahid. Na França discute-se o patrimônio do presidente Chirac, bem como se ele deve, ou não, depor em juízo.

Em *Le Monde Diplomatique* de julho último desdobra-se uma série de estudos sobre a ebulição em países diversos. Ignacio Ramonet e Ghania Mouffok escrevem a respeito da crise na Argélia, a partir da revolta de Kalylie. O primeiro observa que se trata da "rejeição de um sistema que mistura terror e corrupção". O segundo confirma esse julgamento, acentuando que "é um poder corrompido, arrogante e opaco, repellido por expressiva parcela da sociedade algeriana". A propósito do Líbano, jornalista do *Le Monde Diplomatique*, especialmente designado, assinala a "tormenta" dominante, inclusive pelas "incertezas regionais". Em Madagascar, "um dos países mais pobres do mundo", depois da eleição de governadores em junho

recente, as províncias reclamam autonomia. Jean Pierre Borloo acusa a vigência de "processos demorados e discriminatórios" na justiça belga, com "tímidas reformas". Por sua vez, Jeremy Rifkin pondera que as novas tecnologias "estão em via de provocar novo sistema econômico, diferente do capitalismo de mercado". E conclui que, se a Europa tiver "a coragem, a vontade e a visão de colocar a questão do equilíbrio entre o globalismo e a riqueza da diversidade cultural", com a revolução tecnológica e o novo sistema econômico, poderá gerar "uma segunda renascença".

Ao tempo em que são postos em relevo tais conflitos e esperanças, situam-se outros sinais de crise. Deles não é o menor a multiplicação das formas de corrupção, destruindo governos e políticos e aumentando a descrença nas instituições. Demais, nações com tradição de progresso, como a Argentina, entram em espiral de dificuldades perigosas. Também no continente americano subsistem outros fermentos de desordem. Em mais de um estado, grupos armados e organizados disputam o poder com os governos constituídos. No Brasil, se os órgãos constituídos têm funcionamento razoável, as reformas feitas não atingiram o cerne das questões sociais. Lavram desigualdades gritantes, gerando enorme desproporção de padrão de vida e de condições de saúde e educação. Ainda em dezembro de 2000, *O Globo* ressaltava, com base em dados oficiais, que, no país, "63 milhões não têm rede de esgotos" (21/11). E em Salvador, na Bahia, noticiou-se recentemente, sendo fácil a verificação do fato, que "ruas e prédios abandonados são moradias para os excluídos" (*A Tarde*, 5/8). Daí as greves e as reivindicações de áreas diversas, em todo o país.

Nesse quadro, e se até a economia dos Estados Unidos sofre abalo, convém uma reflexão pelo maior número, com iniciativas inovadoras, sobretudo partidas dos que detêm privilégios. O futuro das sociedades em crise não depende só dos governos, notadamente quando estes também vivem atribulados, como hoje.



POR JOSAPHAT MARINHO

JOSAPHAT MARINHO, EX-SENADOR, É PROFESSOR EMÉRITO DA UNB E DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA E DIRETOR DA FACULDADE DE DIREITO DA UPI